



O intruso sul-africano no nosso país (1968)¹

T. Ja. Toivo

Meritíssimo Juiz:

Encontramo-nos num país estrangeiro, sob a alçada de leis feitas por pessoas que sempre consideramos estrangeiros. Estamos a ser julgados por um juiz que não é nosso compatriota e que não compartilhou do nosso meio ambiente.

Quando este processo se iniciou, a Defesa tentou demonstrar que este Tribunal não tinha autoridade jurídica para nos julgar. Os seus argumentos foram de natureza técnica e legal. Estas razões podem significar muito pouco para alguns de nós, mas o sentimento geral e profundo de todos nós é que não devíamos ser julgados aqui em Pretória.²

Vossa Excelência decidiu que tinha o direito de nos julgar, porque o seu parlamento lhe conferiu esse direito. Essa decisão não alterou, nem podia alterar os nossos sentimentos. Somos namibianos³ e não sul-africanos. Não reconhecemos hoje, nem reconheceremos de futuro, o vosso direito de nos governar; de fazer leis para nós em relação às quais não fomos ouvidos; de tratar o nosso país como se fossem propriedade vossa e como se fossem os nossos donos.

Consideramos sempre a África do Sul como um intruso no nosso país. Sentimos sempre isto e continuamos a senti-lo hoje, e é nesta base que enfrentamos este julgamento.

¹ Declaração de Toivo Hermann Ja Toivo (SWAPO), acusado nº 24 durante o julgamento dos africanos do sudoeste em Pretória a 1 de Fevereiro de 1968. In: BRAGANÇA, Aquino de e WALLERSTEIN, Immanuel. *Quem é o inimigo (II)?* – Os movimentos de libertação nacional. Lisboa: Iniciativas Editoriais, 1978. p. 89-97.

² Capital administrativa da África do Sul.

³ Natural da Namíbia. Antes da chegada dos europeus, a região era habitada por povos bantos. Após negociações com a Coroa Britânica, em 1890, a Alemanha toma posse do território, que passa a se chamar África do Sudoeste. Em 1915, durante a I Guerra Mundial, a Namíbia é ocupada pela África do Sul, na época sob domínio britânico. Em 1920, a Liga das Nações dá aos sul-africanos mandato para administrar o território. A África do Sul transforma o mandato em ocupação militar e implanta o *apartheid* na região. A luta pela independência eclode em 1966, com a guerrilha da Organização dos Povos do Sudoeste da África (SWAPO), que se opunha ao domínio da África do Sul e à política do *apartheid*. A Organização das Nações Unidas (ONU) exige que a África do Sul deixe a região, mas o país não acata e, a partir de 1975, usa a Namíbia como base para incursões militares em Angola, acusada de dar abrigo à Swapo. A Namíbia torna-se independente em 1990.

Digo “nós” porque estou a tentar falar não só por mim mas também por outros, em especial pelos meus companheiros acusados que não tiveram o benefício de qualquer instrução. Penso que quando digo “nós”, a esmagadora maioria da gente não-branca do Sudoeste Africano gostaria de se considerar abrangida.

Estamos longe das nossas casas; nem uma única pessoa das nossas famílias nos veio visitar, quanto mais estarem presentes no nosso julgamento. A prisão de Pretória, o Quartel-General da Polícia em Gompol onde fomos interrogados e onde nos foram arrancadas as declarações e este tribunal foi tudo o que vimos de Pretória. Fomos isolados do nosso povo e do mundo. Todos nós pensamos se os chefes repetiriam algumas das mentiras que disseram e o nosso povo estivesse presente no tribunal para os ouvir.

O governo sul-africano mostrou mais uma vez a sua força detendo-nos durante o tempo que entendeu; mantendo alguns de nós em isolamento durante 300 a 400 dias e trazendo-nos para a capital para sermos julgados. Mostrou a sua força aprovando uma lei feita especialmente por nossa causa, tendo-lhe conferido efeitos retroativos. Até escolheu um nome horrível para nos classificar. Os do país são chamados patriotas ou, no máximo, rebeldes; os seus opositores são chamados terroristas.

Um tribunal só pode fazer justiça em casos políticos se compreender a posição dos réus. O Estado não só nos queria condenar com o também justificar a política do governo sul africano. Nem sequer tentaremos apresentar o nosso lado da questão, pois sabemos que um tribunal que não sofreu coisas semelhantes não nos pode compreender. Talvez seja por isto que se diz que as pessoas devem ser julgadas pelos seus iguais. Sentimos desde que fomos presos que não estávamos a ser julgados pelos nossos iguais, mas sim pelos nossos senhores, e aqueles que nos trouxeram ao tribunal muitas vezes nem sequer têm a boa educação de nos chamar pelos nossos apelidos. Se tivéssemos sido julgados pelos nossos iguais, não teria sido necessário haver uma discussão acerca das nossas queixas. Elas seriam do conhecimento dos que nos estariam a julgar.

É conveniente para o governo da África do Sul dizer que governa o Sudoeste Africano com o consentimento do seu povo. Isto não é verdade. A nossa organização, a Organização do Povo do Sudoeste Africano⁴, é a maior organização política do Sudoeste Africano. Consideramo-nos um partido político. Sabemos que os brancos não

⁴ SWAPO (*South-West Africa People's Organisation*) foi fundada como um movimento de libertação. Nos anos 1960, a SWAPO emergiu como única organização de libertação dos namibianos, cooptando outros grupos como o *SWA National Union* (SWANU).

consideram os negros políticos – apenas agitadores. Grande parte do nosso povo não tem qualquer instrução, e isto sem qualquer culpa da sua parte. Mas isto não significa que não saiba o que quer.

Um homem não tem que ser formalmente instruído para saber que quer viver com a sua família onde quer queira viver e não onde um funcionário lhe diz para viver; deslocar-se livremente sem necessitar de um passe, ganhar um salário decente, ser livre de trabalhar para quem quiser e enquanto quiser, e finalmente ser governado pelas pessoas por quem quiser ser governado e não por aqueles que o governam porque têm mais armas do que ele tem.

As nossas queixas são classificadas como “chamadas” queixas. Não acreditamos que a África do Sul está já no Sudoeste Africano para promover facilidades e trabalho para os não-brancos. Está lá pelas suas próprias razões egoístas. Durante os primeiros quarenta anos não fez praticamente nada para cumprir o seu «encargo sagrado». Preocupou-se apenas com o bem-estar dos brancos.

A partir de 1962, devido à pressão interna exercida pelos não-brancos, e em especial pela minha organização, e devido à atenção dada ao nosso país pelo mundo, a África do Sul tem tentado fazer um pouco mais. Elaborou apressadamente o Relatório Bantustão para que pelo menos tivesse alguma coisa para dizer ao Tribunal Mundial.

Só quem não é branco e sofreu da forma como nós temos sofrido pode dizer se as nossas queixas são ou não reais.

Os que de nós temos alguma instrução, juntamente com os nossos irmãos não instruídos, temos sempre lutado pela liberdade. A idéia da nossa liberdade não é do agrado da África do Sul. Ela tentou neste tribunal provar através dos depoimentos de dois chefes que foram subornados para o efeito e de um funcionário subornado que a SWAPO não representa o povo do Sudoeste Africano. Se o governo da África do Sul estivesse convicto de que a SWAPO não representa os sentimentos mais íntimos do povo do Sudoeste Africano, não se daria ao trabalho de tornar impossível a SWAPO defender a sua política pacífica.

As entidades sul-africanas querem acreditar que a SWAPO é uma organização irresponsável que recorre ao nível de dizer às pessoas que se não vacinem. Por muito que os sul-africanos brancos queiram acreditar nisto, a SWAPO não é nada disso. Por vezes sentimos que é isso que o governo gostaria que a SWAPO fosse. Pode ser verdade que algum membro, ou mesmo alguns membros da SWAPO se tenham, nalgum lado, recusado a isso. A razão desta recusa é que algumas pessoas do nosso país perderam a

confiança nos governantes do país, e não estão preparados sequer para aceitar o bem que estão a tentar fazer. O seu governo, Meritíssimo Juiz, assumiu uma responsabilidade muito especial quando lhe foi atribuído o mandato sobre o nosso país depois da Primeira Guerra Mundial. Assumiu um encargo sagrado, o de nos guiar até à independência e de nos preparar para tomarmos o nosso lugar entre as nações do mundo.

Entendemos que a África do Sul abusou desse encargo devido à sua convicção sobre a supremacia racial (que os brancos foram escolhidos por Deus para governar o mundo) e ao *apartheid*.⁵ Entendemos que durante cinquenta anos a África do Sul não fez nada para promover o desenvolvimento do nosso povo. Onde estão os nossos técnicos? A riqueza do nosso país foi usada para preparar o vosso povo para ter um povo dirigente e o dever sagrado de preparar o povo indígena para tomar o seu lugar entre as nações do mundo foi ignorado.

Não conheço nenhum caso ao longo destes últimos vinte anos em que uns pais não quisessem que o seu filho fosse para a escola se houvesse condições para isso, mas mesmo que uma pequena percentagem, como foi afirmado, quisesse que os seus filhos guardassem o gado, tenho a certeza que a África do Sul tinha força suficiente para impor a sua vontade, como o fez em tantos outros aspectos. Pareceu-nos sempre que os governantes quiseram manter-nos atrasados para seu benefício.

1963 era para ser o ano da nossa liberdade. A partir de 1960 parecia que a África do Sul não podia opor-se ao mundo eternamente. O mundo é importante para nós. Da mesma forma que no tribunal todos riram quando ouviram contar que um velho tinha tentado abater um helicóptero com um arco e flechas, nós rimos quando a África do Sul disse que se oporia ao mundo. Sabíamos que o mundo estava dividido, mas à medida que decorreu o tempo concordou pelo menos com o fato de que a África do Sul não tinha qualquer direito de nos governar.

Não afirmo que é fácil homens de raças diferentes viverem em paz una com os outros. Eu próprio não tive qualquer experiência disto durante a minha juventude, e de início fiquei surpreendido com o fato de homens de raças diferentes poderem viver juntos em paz. Mas agora sei que isso é verdade e que é algo por que temos que lutar.

⁵ Literalmente, “separação” ou “por à parte”. Política de segregação racial instituída juridicamente na África do Sul a partir de 1948. Embora a existência de leis que vinculavam a posse de direitos a pertencimentos a grupos raciais possa ser localizada no início do século XX, como forma constitucional e jurídica o *apartheid* será instituído após a Segunda Grande Guerra.

O governo da África do Sul cria hostilidade separando as pessoas e frisando as suas diferenças. Acreditamos que vivendo juntas as pessoas aprenderão a perder o medo que têm umas das outras. Também acreditamos que este medo que alguns brancos têm dos africanos se baseia no seu desejo de serem superiores e privilegiados e que quando os brancos se considerarem parte do Sudoeste Africano compartilhando conosco as suas esperanças e problemas, então esse medo desaparecerá. A separação é considerada como um processo natural. Mas então porque é que ela é imposta pela força e porque é que os brancos são superiores?

São usados chefes para nos oprimir. Esta não é a primeira vez que estrangeiros tentam governar-nos indiretamente – sabemos que apenas aqueles que estão dispostos a fazer o que os seus amos lhes ordenam se tornam chefes. Muitos dos que se preocupavam com o seu povo e que queriam a independência foram intimidados a aceitarem a política imposta de cima. As suas armas são usadas para obrigar as pessoas a dizerem que os apóiam.

Acabei por perceber que o nosso povo não pode esperar o progresso como prenda seja de quem for, quer seja das Nações Unidas ou da África do Sul. O progresso é algo pelo qual temos que lutar e trabalhar. E considero que a única forma de conseguirmos e mantermos esse progresso é aprendendo com a nossa própria experiência e erros.

Vossa Excelência frisou durante o julgamento que as nossas armas provêm de países comunistas, e também que palavras correntemente usadas por comunistas apareciam nos nossos documentos. Mas Excelência, nos documentos produzidos pelo Estado é utilizado outro tipo de linguagem. Aparece ainda mais do que o outro. Muitos documentos terminam com um apelo ao Senhor para nos guiar na nossa luta pela liberdade. O governo sul-africano pretende que sejamos desacreditados no mundo ocidental. Esta a razão porque chama à nossa luta uma conspiração comunista; mas o mundo não acreditará nisto. O mundo sabe que não estamos interessados em ideologias.

Sentimos que o mundo em geral tem uma responsabilidade especial para conosco. Isto porque a terra dos nossos pais foi entregue à África do Sul por um corpo mundial. O mundo está dividido, mas é uma questão de esperança para nós o fato de pelo menos concordar com uma coisa que temos direito à liberdade e à justiça.

Outros territórios mandatados já obtiveram a sua liberdade. O julgamento do Tribunal Mundial foi uma amarga desilusão para nós. Sentimo-nos traídos e estamos convencidos de que a África do Sul nunca cumprirá o que ficou estabelecido. Alguns

acharam que só conseguiríamos a nossa liberdade lutando por ela. Sabíamos que o poder da África do Sul é tremendo, mas sabíamos também que a nossa causa é uma causa justa e que a nossa situação é intolerável - porque é que não havíamos de obter a nossa liberdade?

Estamos certos de que os esforços do mundo para nos ajudar na nossa luta continuarão, chamem-nos os sul-africanos aquilo que nos chamarem.

Não esperamos que a independência ponha termo aos nossos problemas, mas acreditamos que o nosso povo tem direito – assim como todos os povos – a governar-se a si próprio. Não se trata, no fundo, de saber se a África do Sul nos trata bem ou mal, mas do Sudoeste Africano ser o nosso país e de querermos ser os nossos próprios senhores.

Há pessoas que se dizem solidárias com os nossos objetivos, mas que condenam a violência. Eu diria que não sou por natureza um homem de violência e considero que a violência é um pecado contra Deus e contra os meus semelhantes. A própria SWAPO era uma organização não-violenta, mas o governo sul-africano não está verdadeiramente interessado em saber se a oposição é violenta ou não violenta. Não deseja ouvir qualquer oposição ao *apartheid*. Desde 1963 que foram proibidas as reuniões da SWAPO. É verdade que foram as autoridades tribais que o determinaram, mas elas trabalham com o governo sul-africano que nunca levantou um dedo a favor da liberdade política. Vimo-nos sem direito de voto no nosso próprio país e privados do direito de reunião e de manifestação das nossas opiniões políticas.

Será surpreendente que nestas circunstâncias os meus compatriotas tenham pegado em armas? A violência é de fato temível, mas quem é que não defenderia a sua propriedade e a si próprio contra um ladrão? E nós consideramos que a África do Sul nos roubou o nosso país.

Passei a minha vida a trabalhar na SWAPO que é um partido político vulgar como qualquer outro. Subitamente, nós, na SWAPO descobrimos que surgira uma situação de guerra e que os nossos camaradas e a África do Sul se estavam a enfrentar no campo de batalha. Embora eu não tivesse sido responsável pela organização do meu povo militarmente e embora achasse que era insensato lutar contra a poderosa África do Sul sendo nós tão fracos, não pude recusar ajudá-los quando assim foi necessário.

Excelência achastes necessário classificar-me como um cobarde. Durante a Segunda Guerra Mundial quando se tornou evidente que quer o vosso país, quer o meu

país eram ameaçados pelas negras nuvens do nazismo, arrisquei a minha vida para defendê-los a ambos, envergando uma farda com insígnias cor de laranja.

Mas alguns dos vossos compatriotas ao serem chamados a combater para defender a civilização, recorreram à sabotagem contra a sua própria pátria. Eu ofereci-me voluntariamente para enfrentar as balas alemãs e como guarda de instalações militares, no Sudoeste Africano e na República estava preparado para ser uma das vítimas da sua sabotagem. Hoje são os nossos senhores e são considerados os heróis e a mim chamam-me cobarde.

Quando penso no meu país, sinto-me orgulhoso dos meus compatriotas terem pegado em armas pelo seu povo, e acho que seja quem for que se considere um homem não os desprezará.

Em 1964 o C.N.A. – Congresso Nacional Africano⁶ – e o C.P.A – Congresso Pan-Africanista⁷ – foram suprimidos na África do Sul. Isto fez-me crer que eram demasiado fracos para enfrentarem a força da África do Sul através da luta. Quando alguns dos soldados do meu país regressaram, previ os problemas que surgiriam para a SWAPO, para o meu povo, e para mim pessoalmente. Tentei fazer os possíveis para evitar que o meu povo fosse para a mata. Com estas tentativas tornei-me impopular junto de algumas pessoas, mas estava preparado para agüentar mais este problema. Decisões deste tipo são difíceis de tomar. A minha lealdade é para com o meu país. A minha organização não podia funcionar eficazmente - nem sequer podia promover reuniões.

Não tinha qualquer resposta para a pergunta “Onde é que a tua não-violência nos levou?” Enquanto durou o julgamento do Tribunal Mundial tinha pelo menos esse fundamento. Quando ele falhou, após anos de espera, não tinha qualquer resposta a dar ao meu povo.

Muito embora não concordasse que o povo fosse para a mata, não me podia recusar a ajudá-lo ao saber que passava fome. Até transmiti o pedido de dinamite. Não foi uma decisão fácil. Outro homem qualquer poderia ter dito “Não quero ter nada a ver

⁶ O Congresso Nacional Africano (conhecido internacionalmente pela sigla ANC, *African National Congress*) tinha sido formado em 1912 e transformou-se na maior e mais abrangente organização política sul-africana. As suas ligações com os sindicatos dos trabalhadores (que se uniram na poderosa COSATU) e com o Partido Comunista Sul-Africano deram ao governo uma justificação conveniente para bani-lo, durante a Guerra Fria.

⁷ O Congresso Pan Africanista (mais tarde, PAC da Anzania, nome da África do Sul segundo os nacionalistas) fundado em 1959 por dissidências do CNA, que criticavam seus métodos de resistência não violentos.

com esse tipo de coisa”. Eu não pude, e não pude manter-me como espectador da luta do meu povo pela sua liberdade.

Sou um namibiano leal e não pude trair o meu povo. Admito que decidi ajudar aqueles que tinham pegado em armas. Sei que a luta será longa e dura. Sei também que o meu povo travará essa luta seja a que preço for.

A luta só terminará quando tivermos garantida a nossa independência. Só quando nos for restituída a nossa dignidade humana, em pé de igualdade com os brancos, que haverá paz entre nós.

Consideramos que a África do Sul tem que fazer uma escolha – ou viver em paz conosco ou subjugar-nos pela força. Se escolherdes esmagar-nos e impor-nos a vossa vontade, então não só traireis o vosso mandato como vivereis em segurança apenas enquanto o vosso poder for maior do que no nosso. Nenhum sul-africano viverá em paz no Sudoeste Africano, pois cada um deles saberá que a sua segurança se baseia na força e sem essa força ele terá que enfrentar a rejeição por parte do povo do Sudoeste Africano.

Os meus companheiros de acusação e eu temos sofrido. Não estamos ansiosos pela nossa prisão. Não sentimos, contudo, que os nossos esforços e sacrifícios tivessem sido em vão. Pensamos que o sofrimento humano tem o seu efeito mesmo naqueles que o impõem. Esperamos que aquilo que aconteceu convencerá os brancos da África do Sul que nós e o mundo podemos ter razão e que eles poderão estar errados. Apenas quando os brancos sul-africanos entenderem isto e atuarem em conformidade será possível pararmos a nossa luta pela liberdade e pela justiça na nossa terra natal.